



SOBRE O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Thiago César Carvalho dos Santos

Desde sua fundação, a *(Des)troços: revista de pensamento radical* tem buscado expandir o debate crítico contra o paradigma liberal-imperialista que molda as sociedades ocidentais. Inspirando-se nas contribuições de Deleuze e Guattari, nosso objetivo é radicalizar a discussão não somente a partir do paradigma ético-político, mas também estético, ampliando as possibilidades da produção acadêmica na filosofia do Direito e do Estado. Nesse contexto, a *(Des)troços* valoriza as interseções, os atravessamentos e os diálogos entre o pensamento (ir)racional e as dimensões sensíveis que conectam autoras e leitoras.

Com um compromisso de sempre cuidar da concepção e disposição estética dos trabalhos, a partir da edição #5, decidimos incorporar produções visuais geradas por inteligência artificial aos trabalhos publicados. Essa decisão editorial nasceu da percepção de que as tecnologias de comunicação e produção, embora imersas no contexto neoliberal e espetacular, poderiam ser reorientadas para usos alternativos. Mas, será que isso é realmente possível?

A utilização de inteligência artificial em produções tem sido vista com ceticismo e até preocupação por muitas pensadoras e críticas sociais, que a veem como um marco na era da reprodutibilidade vazia e da autonomização produtiva do capital. Essa tecnologia poderia representar mais um avanço na captura da criatividade autêntica e na descartabilidade da obra de arte.

Entretanto, nos orientamos pelos ensinamentos de Donna Haraway e Paul Preciado, que argumentam que as tecnologias não são intrinsecamente positivas ou negativas, prejudiciais ou benéficas; embora moldadas pelas estruturas de poder, também podem ser espaços de resistência e reinvenção desse mesmo poder. Nesse sentido, compreendemos que não se trata de barrar ou impedir o uso de determinadas tecnologias, mas ativar e atualizar novos usos não capturados dessas. Portanto, buscamos criar artes visuais a partir de palavras-chave vinculadas aos dossiês e trabalhos publicados, visando complementar esteticamente os debates teóricos e práticos desenvolvidos.

A razão de trazer essa nota neste volume é discutir os desafios enfrentados, especialmente no contexto de um dossiê focado em corporeidades e subjetividades queer. Notamos que as imagens produzidas por inteligência artificial tendiam a representar pessoas brancas, magras e quase sempre heteronormativas, como já vem sendo apontado por diversas pesquisadoras, artistas e ativistas nos últimos anos. Isso nos levou a revisar constantemente as palavras-chave usadas, em busca de imagens que desafiassem essas normatividades. Essa transparência em nosso processo criativo com a IA, detalhando os termos empregados, é uma tentativa de confrontar essas limitações. Apesar dos esforços, as imagens ainda carregam traços dessas tendências, como a predominância de tons rosados e azulados.

Portanto, queremos reiterar nosso reconhecimento das limitações das tecnologias atuais e nosso compromisso em continuar explorando formas de utilizá-las que estejam alinhadas com nossos ideais de radicalização ética, estética e política.

Março de 2024.